

Parlamentares pedem cargos ^{PH}

Terminada a votação da parte principal do plano, deputados querem fazer nomeações

ARIOSTO TEIXEIRA

BRASÍLIA — Durante a votação do plano econômico do governo, que acabou aprovado na íntegra, o líder do PFL, Ricardo Fiúza (PE), teve de pedir calma a alguns deputados mais ansiosos com a definição rápida dos cargos a que teriam direito: "Vamos pensar nisso depois. Agora é hora de pensar no Brasil", pediu o deputado. Passada a hora de pensar no Brasil, deputados e senadores ligados ao governo começaram a pressionar as autoridades para efetuar nomeações nos Estados. As exigências dos parlamentares, porém, têm esbarrado na forma como toca nesse assunto o presidente Fernando Collor, que ontem assistiu à missa de Páscoa dos funcionários do Palácio do Planalto. "O Congresso não é mais o mercado persa do governo Sarney", diz o vice-líder do PRN, Nelson Sabrá (RJ).

Das centenas de cargos públicos, os mais cobiçados são as diretorias vagas do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, do Banco do Nordeste — para o qual o grupo político do ex-ministro Antônio Carlos Magalhães quer nomear o baiano Jorge Freire —, as presidências de 20 subsidiárias da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), os 21 distritos, 110 residências e 70 escritórios do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), ou ainda, entre muitos outros, as presidências das usinas siderúrgicas. O vice-presidente da República, Itamar Franco, já tem um nome para a presidência da Usiminas, o engenheiro Rinaldo Campos Soares, funcionário de carreira da empresa cuja indicação foi pedida a Itamar pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga, com o aval de Antônio de Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Dentro da nova fase no governo Collor de preencher cargos, o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, dará posse amanhã, no Rio, ao novo presi-

dente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), ex-diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e atual diretor de projetos especiais do Grupo Monteiro Aranha, Roberto Procópio Lima Neto, escolhido pelo presidente Collor e aceito por Ozires.

Essa nomeação revela o estilo e os critérios usados pelo presidente para montar seu governo. Sempre que é possível, ele põe em cargos importantes alguém diretamente ligado a ele ou indicado por alguém em quem confia. Lima Neto trabalha no grupo da família de Lilibeth Monteiro de Carvalho, ex-mulher de Collor e irmã do empresário Olavo Monteiro de Carvalho, que em janeiro tentou influir na escolha do ministro da Economia, indicando o economista Daniel Dantas para o cargo.

Há outros exemplos no governo. O secretário executivo do Ministério da Saúde, Luís Romero Farias, foi escolhido por Collor. É verdade, com a aquiescência do ministro Alcei Guerra. Afinal, o médico Romero ocupa o cargo de secretário-executivo, uma espécie de vice-ministro, correspondente à antiga função de secretário-geral. Ele é um médico alagoano, sócio de clínica em Maceió, e irmão de Paulo Cezar Farias, com quem Guerra trabalhou na campanha presidencial. Paulo Cezar foi o tesoureiro da campanha e ficou conhecido pela equipe apenas pelas iniciais: "PC".

Para a Embratur, Collor nomeou seu amigo íntimo Ronaldo Monte Rosa, dono em Brasília da Agência de Turismo Buriti.

Mas não é apenas o presidente ou seus ministros que têm o poder de nomear. Os políticos, naturalmente, andam atrás de cargos que se encaixem nos nomes de seus amigos e correligionários. O governador da Bahia, Nilo Coelho, foi premiado segunda-feira com a nomeação de seu secretário da Fazenda, Rubens Vaz da Costa, para a Secretaria Nacional de Energia, que ficou com parte do Ministério das Minas e Energia, incorporado pela Infra-Estrutura.



André Dusek/AE

Collor sobe a rampa do Planalto: novo estilo de nomear